

ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE AS CONCEPÇÕES DE NATUREZA: UM ESTUDO DO MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGEM (MAB) NO OESTE PARANAENSE (1970 – 2014)¹

QUELQUES NOTES SUR LES CONCEPTIONS DE LA NATURE: UNE ÉTUDE DU MOUVEMENT DES AFFECTÉS PAR CONSTRUCTION DE BARRAGES (MAB) OUEST DU PARANÁ (1970-2014)

Edimar Rodrigo Rossetto

Mestrando em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná
edimarrossetto@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo visa apresentar concepções de natureza oriundas a partir de vários períodos vividos pela humanidade, ao longo de sua evolução, principalmente a partir de meados do século XX. Percebe-se a necessidade em desenvolver este trabalho na compreensão da visão de natureza que o Movimento dos Atingidos por Barragem – MAB possui. Para tanto, busca-se aprofundar esta discussão na análise referente à criação / formação do MAB, pontuando assim a problemática que originou o movimento, as preocupações da sociedade neste período histórico e, principalmente o contexto ambiental, como mencionado. Nesse sentido, quer se dialogar a respeito da concepção de natureza que este movimento social esta enraizado atualmente, em vista das problemáticas ambientais praticadas no espaço rural, principalmente, pela ascensão do modelo de produção econômico adotado pela sociedade vigente. Não se pode deixar de mensurar algumas concepções teóricas sobre o conceito de natureza do Movimento MAB a partir de 1970, na busca em suprir consequentes necessidades humanas. Para tanto, as lutas do movimento pautam-se no fortalecimento de práticas agrícolas e de vida que visem um modelo energético sustentável, além de educação e terra para seus integrantes. A luta pela criação e implementação de políticas públicas, as discussões entorno da construção de barragens em todo o território nacional também fundamentam as pautas de debate deste movimento social. A metodologia empregada para a construção deste artigo pauta-se na garimpagem bibliográfica a partir de teóricos que discutem o assunto, além dos trabalhos de gabinete.

Palavras - chave: Concepções de natureza, movimento social, necessidades humanas.

RÉSUMÉ

Cet article présente la nature des concepts provenant de différentes périodes vécues par l'humanité, tout au long de son évolution, surtout à partir du milieu du XXe siècle. Nous avons réalisé la nécessité de développer ce travail dans la compréhension de la vision de la nature comme le comprend le Mouvement des personnes affectées par les barrages Dam-MAB. À cette fin, nous cherchons à approfondir cette discussion dans l'analyse relative à la

¹ Este artigo é resultado da participação na disciplina: A análise da paisagem como subsídio teórico-metodológico às pesquisas de educação ambiental, ministrada pela professora Dr. Rosana Cristina Biral Leme, do Programa de Pós Graduação em Geografia – Nível Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão – PR, ano de 2013.

Revista Eletrônica Geoaraguaia. Barra do Garças-MT. V 5, n.2, p. 82 - 95 Julho/Dezembro. 2015.

création/formation du MAB, ponctuant ainsi le problème à l'origine du mouvement, les préoccupations de la société dans cette période historique, et sur tout le contexte environnemental, comme indiqué. En ce sens on veut parler de la conception de la nature où que ce mouvement social est réellement enraciné en raison des atrocités environnementales également pratiquées dans le domaine de l'agriculture, par le développement du modèle de production économique adopté par la société actuelle. On ne peut pas empêcher de mesurer les conceptions de la nature, à savoir, l'usage/l'utilisation à partir de 1970, conséquents des besoins humains. Par conséquent, le mouvement guidé bat sur le renforcement des pratiques agricoles et de la vie visant à modèle énergétique durable, et de l'éducation et de la terre à ses membres. La lutte pour la création et la mise en œuvre des politiques publiques, les discussions entourant la construction de barrages à travers le pays soutiennent également les programmes de discussion de ce mouvement social. La méthodologie utilisée pour la construction de cet article est guidée dans le secteur minier de la littérature théorique de discuter de ce sujet, en plus du travail de réflexion.

Mots - clés: conceptions de la nature, mouvement social, les besoins humains.

INTRODUÇÃO

As concepções de natureza ao longo da história da humanidade influenciaram visões que atualmente estão inseridas na sociedade. Dependendo das necessidades e interesses de atores sociais, a paisagem era alterada e ganhava a conotação de cada época. Desta forma, é fundamental compreender a gênese da organicidade atual em relação às concepções providas pela sociedade, a partir da década de 1970.

Para tanto, percebe-se a necessidade em desenvolver este estudo na compreensão da visão de natureza que o Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB) possui. Na busca de documentos que tratam do MAB, percebe-se que é fundamental pontuar questões quanto à criação deste movimento social, pois sua análise em relação à concepção de natureza deve ser diagnosticada a partir de sua criação. Percebe-se que desde a origem do MAB, lutava-se pela questão ambiental, mas, atualmente com a inserção de um modelo produtivo mais exploratório e desigual, a questão ambiental torna-se o ponto chave de discussão para este movimento.

Assim, nos cabe afirmar que a principal luta deste movimento social é por um modelo energético sustentável, além de educação e terra para seus integrantes. O MAB também trabalha na luta por criação e implementação de políticas públicas que atendam as necessidades citadas, além de lutar contra a construção de barragens em todo o território nacional.

Deste modo, é relevante pontuar algumas concepções de natureza vividas pela sociedade, as quais direcionaram o foco de análise da ciência geográfica no Brasil. Além

disso, percebe-se que com o avanço da tecnologia nos mais diversos setores, esta, tem subsidiado um aumento gradativo nos problemas ambientais em decorrência da exploração de recursos naturais que buscam sustentar o modelo econômico consumista vivido atualmente pela sociedade.

AS CONCEPÇÕES DE NATUREZA E A CRIAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL

Um dos pontos fundamentais para a análise das visões de mundo de cada povo, cada nação e cada temporalidade, recai na análise de diferentes contextos ideológicos e organizacionais de vida que seriam a base de visões de natureza distintas. Segundo Sahtouris (1991 apud CIDADE, 2011, p. 104),

[...] as diferenças de contexto e de visões de mundo encontram correspondência clara nas visões da natureza dessas sociedades. As sociedades agrícolas consideravam a natureza uma grande mãe, viva e em transformação; as pessoas eram parte desse ser.

Pode-se dizer que dependendo da articulação dos povos, o uso do território seja no aspecto vital ou produtivo, as relações de poder, a questão cultural, são condicionantes que definem o tratamento referente ao uso e gestão dos recursos naturais de cada localidade, reproduzindo concepções de vida.

Como observado ao longo da história da humanidade, a implementação do modelo econômico de produção capitalista traz novas ideologias. Estas, são pautadas no viés produtivista e mercantilista. Nesse sentido, a organização do território é condicionada a partir do viés econômico, no qual as paisagens naturais são vistas como elementos para obtenção de lucro, na maior parte das vezes. É a partir das necessidades desenfreadas do homem que as concepções de natureza vão se remodelando e ganhando conotação, tendo inserido em suas paisagens o resultado da ação humana.

Em relação à ciência geográfica, esta, ao longo de sua trajetória teórica de consolidação como ciência, teve em vários momentos, a preocupação com o estudo no direcionamento das questões sociais. Como nos elucidada Andrade (1987, p. 19),

Cabe à Geografia, estudando as relações entre a sociedade e a natureza, analisar a forma como a sociedade atua, criticando os métodos utilizados e indicando as técnicas e as formas sociais que melhor mantenham o equilíbrio biológico e o bem-estar social. Ela é uma ciência eminentemente política, no

sentido aristotélico do termo, devendo indicar caminhos à sociedade, nas formas de utilização da natureza.

Nesse sentido, é através do domínio de técnicas produtivas, ou seja, inovações tecnológicas, fruto do trabalho e da pesquisa humana que a gestão do espaço torna-se importante à humanidade. Muitas vezes, por a Geografia ter viés crítico em relação às formas de utilização de recursos naturais, é vista com olhares de segundo plano, pois sua discussão fere os interesses políticos de grandes corporações, personagens influentes nas decisões do âmbito do Estado, o qual tem controle sobre áreas de exploração natural como, por exemplo, áreas de mananciais, de exploração mineral, reservas florestais, entre outros. Nesse sentido, observa-se que,

[...] até os anos 1960 a discussão sobre o que hoje chamamos questão ambiental estava restrita a cientistas preocupados com a preservação/conservação da natureza (preservacionismo e conservacionismo). Dos anos 1960 para cá, o debate acerca do meio ambiente passa a estar relacionado ao desenvolvimento das sociedades e, portanto, amplia-se e se complexifica. Sai dos gabinetes e vem para as ruas (GONÇALVES, 2012, p. 96).

Além do embate quanto às decisões entre Estado e corporações, observa-se que a questão ambiental adquire força e começa a ser operacionalizada em locais públicos. Esta ação é pautada por meio do trabalho que os movimentos sociais desenvolvem na busca por discutir elementos que contribuam para a preservação de nosso ambiente natural. Nesse sentido, a questão dos recursos naturais ganha corpo, a fim de servir de reserva, na sustentabilidade de manutenção da vida para as futuras gerações. Para mensurar dados dessa exploração, observa-se segundo Gonçalves (2012, p. 102) que,

[...] não é a população pobre que está colocando o planeta e a humanidade em risco, como insinua o pobre discurso malthusiano – afinal, os 80% mais pobres do planeta consomem somente 20% dos recursos naturais, sendo o seu impacto sobre o destino ecológico menor.

Percebe-se que o consumo dos recursos naturais são totalmente consumidos pela minoria com maior poder aquisitivo, sem se dar conta de que a maior parte destes recursos são esgotáveis, ou seja, em algum momento irão acabar. Deste modo é necessário segundo Gonçalves (2012, p. 104), que “[...] a luta ambiental sinalize que o sentido da emancipação humana passe pela reapropriação social da natureza e, por isso, seja contra a mercantilização

do mundo, essência do capitalismo e seus fetiches”. Recai a sociedade lutar contra estas marginalidades exploratórias. Porém, esta prática é consequência do modelo produtivo imposto na sociedade.

Nesse sentido, os recursos naturais, elementos da natureza, são usados pelo homem a fim de lhes proporcionar melhores condições de vida, além de trazer benefícios financeiros. Portanto, como as ações humanas são pautadas no acúmulo de capitais, o uso do espaço natural torna-se fator preponderante para as elites capitalistas que visam apenas sua exploração. As necessidades humanas podem ser caracterizadas como condicionantes da exploração massiva sobre a natureza, pois aumentaram gradativamente ao longo dos anos, principalmente, com o avanço da tecnologia que fornece suporte científico a esta prática.

De fato, esse processo exploratório traz consigo uma série de percalços para a qualidade de vida das populações. Segundo Cidade (2011, p. 100), “as novas expectativas em torno da Geografia refletem o fato de que, ao longo de seu percurso e, apesar de divisões internas, esta ciência têm cultivado um discurso e uma prática que são tanto sociais como naturais”. Nesse sentido, o discurso natural adotado pelo campo da Geografia recai sob a esfera dos problemas naturais oriundos da má gestão de órgãos interventores no espaço, como, por exemplo, Estado, empresas privadas, sociedade civil, entre outros.

Nesse viés,

[...] a leitura cada vez mais generalizada da questão ambiental como crise ambiental tem suscitado pressões para uma mudança de ênfase: da geografia como campo científico voltado para a compreensão de processos socioespaciais, visando à transformação da sociedade, para uma geografia como fonte de declarações prescritivas e normativas voltadas para a resolução de problemas ambientais (CIDADE, 2011, p. 101).

Como observado, a ênfase na questão ambiental nos últimos anos, tem direcionado estudos geográficos no Brasil, devido aos sérios problemas ambientais criados em decorrência das atividades exploratórias. A apropriação urbana em Áreas de Preservação Permanente - APPs, o esgotamento de solo pela agricultura, a contaminação de mananciais por meio do uso de agrotóxicos e lixo urbano, erosão, poluição industrial, entre outros, são exemplos atuais da problemática ambiental a que convivemos.

Estes problemas geraram uma série de preocupações na sociedade e vários movimentos sociais são criados. Assim, a concepção de natureza ganha nova importância, pois,

As contradições e a pobreza são marcas características do capitalismo contemporâneo. Uma das formas de lidar com as novas formas de competição na economia foi a formação de blocos econômicos regionais. Conflitos étnicos e religiosos têm evidenciado sérias dificuldades para o convívio com diferenças na sociedade atual. A diferença entre o modelo de acumulação, baseado no lucro, e modelos de valorização da natureza, apoiados em noções de sustentabilidade, tem sido responsável pela emergência de movimentos sociais de cunho ecologista ou ambientalista (CIDADE, 2011, p. 114).

Nesse sentido, devido aos vários percalços vividos pela sociedade e o modelo produtivo que vigora, o surgimento de movimentos sociais de caráter ambientalista ganham conotação. Pode-se salientar que segundo Mota (2013, p. 201), “o poder de destruição dos artefatos humanos e a população mundial aumentaram em um nível sem precedentes. Esse crescimento ocasionou o aumento do uso dos recursos naturais e da consciência sobre a escassez desses recursos”. Assim, justifica-se a criação de movimentos sociais revolucionistas, em prol de ações ambientais na garantia a evolução social sustentável. Para mensurar esta vertente quanto ao rol de questões ambientais, analisa-se o Movimento dos Atingidos por Barragem – MAB, criado no Oeste do Estado do Paraná, a partir da marginalização do Poder Público na condição de moradia e vida de milhares de agricultores.

O MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGEM (MAB)

Segundo Germani (2003), o movimento social MAB é criado a partir da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, implantada no Rio Paraná, extremo Oeste do Estado do Paraná, onde a sua instalação repercutiu em revoltas e passeatas de agricultores que foram marginalizados em detrimento do preço pago por suas terras. A remoção de mais de 43.000 pessoas da área alagada gerou vários conflitos na região e desencadearam a criação desta frente de luta popular.

Vale frisar que a articulação desses agricultores com outras localidades no Brasil, as quais sofriam como mesmo problema tiveram êxito, e a luta contra a implantação de megaprojetos governamentais de construção de barragens tiveram repercussão em todo o território nacional, além de articulações de âmbito internacional. Essas relações deram origem ao surgimento do MAB.

Observa-se inicialmente que a luta principal deste movimento é referente à questão agrária, porém, ao longo dos anos, com a consolidação do movimento, este direciona suas

preocupações quanto à criação de políticas públicas de caráter protecionista aos recursos naturais e a preservação da vida no campo. Busca-se um modelo energético sustentável que não exproprie agricultores de suas terras, mas que forneça condições de abastecer a demanda energética nacional a partir de um modelo sustentável e, de energia limpa.

Para Benincá (2011) o Movimento dos Atingidos por Barragem MAB teria como objetivo lutar contra a construção de usinas hidrelétricas que trazem danos às sociedades ribeirinhas e ao meio ambiente. Em caso de indenização de áreas, que a mesma seja justa e possibilite a permanência destes povos do campo no campo, além da ampliação do número de militantes no movimento e o acesso à energia para todos com tarifas populares.

Nesse sentido, recai também a discussão a cerca do conceito de meio ambiente que segundo Schülze (2000, p. 69),

[...] é próprio do século XX e envolve preocupações, noções e práticas que são particulares desta época e que caracterizam o pensamento e a ética ecológica. [...] Tal visão, implica num novo sistema de valores que busca: uma harmonia com a natureza; o evitamento da poluição; a consideração de toda vida como tendo seu valor intrínseco; a auto-realização como mais importante que o crescimento econômico e o consumismo; a adequação da tecnologia ao ambiente; o reciclamento de materiais; a organização das comunidades humanas numa base regional; atenção especial dada as minorias.

Corroborando com o exposto percebe-se que a visão de natureza do MAB recai sobre o ideário mencionado pelo autor. Uma visão inversa ao modelo econômico imposto, mas sustentável. É importante mencionar que o movimento MAB luta por ações coletivas locais, partindo das comunidades e conduzidas posteriormente à legitimidade pelo Estado, além da luta por operacionalização, ou seja, a efetivação da legislação garantida. Quanto à questão do desenvolvimento sustentável, observa-se que,

[...] o conceito oficial do desenvolvimento sustentável adotado por vários governos, políticos, empresários e mesmo por algumas organizações não governamentais (ONGs) implica a continuidade do processo de homogeneização cultural e ecológica, que hoje é mais do que nunca comandado pelo capital transnacional. Para esses poderosos atores do cenário mundial, não há contradição entre o processo de acumulação capitalista (e suas escandalosas desigualdades sociais e desastres ecológicos) e a perspectiva de sustentabilidade (SILVA, 2012, p. 208–209).

Pontua-se que esse discurso é fruto da apropriação da questão ambiental por parte das empresas para o modelamento dos povos do campo, na continuidade das desigualdades

sociais e de desastres naturais causados por obras imensas que expropriam agricultores, além de causarem sérios danos ao meio ambiente, como é o caso das hidrelétricas.

Um fator importante que o movimento social MAB tenta fortalecer é quanto à ampliação de militantes, na busca em formar cada vez mais cidadãos que levem as reivindicações do movimento as localidades ainda desconhecidas. Para que estes militantes também fortaleçam e disseminem uma visão de natureza alternativa, na preservação de recursos naturais para às gerações futuras, devido a uma preocupação que já é atual, quanto ao esgotamento de recursos naturais.

É importante frisar que o MAB expressa sua força através do trabalho coletivo, esta união é em prol da busca por direitos as classes oprimidas, no caso, os próprios integrantes deste movimento. Pontua-se que a partir da década de 1970 consolidou-se o momento propício para o afloramento dos movimentos sociais pelo Brasil. Percebe-se, segundo Vainer (2013, p. 7) que,

O ambiente político, em geral, parece favorável ao avanço das lutas e reivindicações populares. Desde o final da década de 70 acelera-se a crise da ditadura militar: no caso do regime, seus planos e ações são crescentemente vistos como ilegítimos; cresce a luta política por eleições diretas. Os movimentos populares em ascenso constituem, simultaneamente, reflexo e motor deste processo.

Tendo as crises políticas como principal problema enfrentado pelo Estado naquela época, vários movimentos sociais ganham força e são consolidados. No Oeste paranaense o primeiro movimento social criado é o MAB, na década de 1970 e, a partir dele, uma série de outros movimentos sociais ganha destaque. Justificando a afirmação, segundo Benincá (2011, p. 86-87),

Em plena ditadura militar, emergiam vários *movimentos sociais populares* no meio rural. Com a mesma bandeira da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTABs), do Movimento dos Agricultores Sem-Terra (Master) e das Ligas Camponesas, embora com estratégias distintas, surgiu o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Como observado, a criação de vários ramos de movimentos contra hegemônicos de luta também se caracterizam como uma das conquistas do MAB. É deste movimento social que se cria o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), principal grupo social

que luta por Reforma Agrária no Brasil atualmente. O MAB, além de subsidiar a criação de outros movimentos destaca-se por possuir elementos simbólicos. Observa-se que,

As correntes estampadas na bandeira trazem implicitamente a conjugação de diferentes ideias: *de paz* (branca), *de preservação ambiental* (verde e azul); *de morte* (preta); *de luta na perspectiva socialista* (vermelha). Todos esses elementos simbólicos são constitutivos da identidade do MAB (BENINCÁ, 2011, p. 97 grifos do autor).

Nesse sentido, é interessante salientar que, devido ao MAB ser criado a fim de lutar contra as marginalidades do Estado e empresas capitalistas, o mesmo também tem a importante preocupação com o meio ambiente, ou seja, de explorar o espaço, mas, gerenciá-lo de forma a preservar suas paisagens naturais, além de especificidades ambientais de cada localidade.

Esse caráter político protecionista do MAB visa proporcionar melhores condições de vida a seus integrantes, viabilizando a manutenção de recursos naturais para as futuras gerações. É importante mencionar que o movimento social em questão não tem caráter extremamente protecionista, ele acredita no uso do espaço natural como meio de vida alternativo para os seres humanos. Para Benincá (2011), o MAB aglutina o propósito de ser um movimento social ecológico, visando ações que conciliem o uso do espaço pelo homem e a preservação do ambiente natural.

O ponto que fundamenta o discurso desse movimento social na busca em se preservar o meio ambiente é devido aos sérios problemas ambientais criados a partir da construção de barragens. Para tanto, se foi necessário discutir e propor novos projetos energéticos a fim de acabar com a expropriação de agricultores de suas terras e com problemas ambientais decorrentes deste tipo de obra.

Segundo Benincá (2011) é preciso que o país garanta alternativas de geração de energia, além do acesso e do baixo custo da energia às comunidades rurais. Esta discussão aprofundou reflexões entre Estado, empresas e sociedade civil, a fim de debater o modelo energético vigente. A temática ecológica a cada ano assume maior centralidade na preocupação e planos de ação deste movimento. Percebe-se que,

No conjunto de princípios e valores que considera ‘indispensáveis’ e ‘inegociáveis’ – apontados em documentos recentes–o Movimento cita a necessidade de ‘elaboração de um projeto energético alternativo e popular conforme os interesses do povo e, por isso, comprometido com a

preservação dos recursos naturais, hoje e no futuro’. (BENINCÁ, 2011, p. 123).

Observa-se que a concepção de natureza é indispensável para este movimento social. Com o passar dos anos, esta questão torna-se a principal pauta de reivindicações. A denúncia de barbáries ambientais é vista para os integrantes do MAB como a ação manifestadora da indignação deste grupo social para com o modelo econômico atual.

O movimento MAB também investe na formação educacional de jovens e adultos a fim de realizarem cursos nas áreas de medicina, engenharia hídrica, agroecologia, etc, além de convênios com universidades públicas. Estas atividades estão alicerçadas em reafirmar a luta por um projeto educacional-ambiental sustentável para indivíduos deste grupo. (BENINCÁ, 2011).

Nesse entorno, observa-se que a compreensão de natureza para esta classe social, “[...] ‘não se resume ao físico, pois ela é antes de tudo um produto, um resultado da visão que o homem tem dela no tempo e no espaço’ (LENOBLE, 1969 apud DULLEY, 2004, p. 19). Nessa linha de análise, observa-se que o “meio ambiente não tem apenas um sentido estático, por ser constituído por relações dinâmicas entre seus elementos componentes, tanto vivos como não vivos” (DULLEY, 2004, p. 19).

Frisa-se através da citação a concepção de natureza adotada pelo movimento MAB. Pode-se dizer que este movimento social luta por uma gestão democrática ambiental a fim de proporcionar inicialmente uma discussão coletiva para a definição de uma ação. Levantadas às hipóteses, busca-se a implantação de alternativas que irão proporcionar menores impactos ao meio ambiente nesta interação homem – natureza.

Uma das alternativas buscadas atualmente por este movimento social é o trabalho quanto ao cultivo de alimentos agroecológicos. Segundo Petersen (2012, p. 46-47),

O crescimento de uma consciência social crítica e ativa diante dos efeitos da agricultura convencional criou o ambiente propício para a reemergência dos movimentos contestadores que, na década de 1970, passaram a ser reconhecidos genericamente como movimentos de agricultura alternativa. A associação de um número crescente de pesquisadores a esses movimentos resultou em importantes desdobramentos nas décadas seguintes, com a sistematização de um novo enfoque científico: a agroecologia.

Assim, observa-se que além da luta por justiça no campo, o movimento social deve ser educativo, formando uma consciência social crítica e coletiva, que possa ser passível de

alterar os modelos produtivos que prejudicam a vida, como o caso da agricultura convencional, pautada no uso de grandes quantidades de agrotóxicos, para a sistematização e implementação de um modelo agrícola agroecológico. Estas ações podem ser caracterizadas como realização de uma educação ambiental no viés produtivista, que colabore com a natureza e com a saúde dos seres humanos. A busca por este modelo produtivo limpo também é resultado de uma luta histórica. Para Pereira (2012, p. 687),

[...] a Revolução Verde foi veículo de desigualdade social, bem como obstáculo ao desenvolvimento dos camponeses, visto que eles se tornaram dependentes de empresas globais fabricantes dos pacotes tecnológicos. Além disso, as políticas de desenvolvimento que privilegiaram o viés técnico acabaram por deixar de lado mudanças sociais e estruturais, tais como a Reforma Agrária.

Esta agricultura convencional, como citado, breou várias das lutas do MAB ao longo de sua caminhada histórica, pois devido aos pacotes tecnológicos caríssimos, implantados no campo, tornaram muitos agricultores reféns de empresas, levando-os para as cidades, fortalecendo assim, os latifúndios.

Deste modo, é importante frisar que o MAB necessitou de uma articulação conjunta com demais movimentos sociais para lutar contra estas barbáries impostas. Nesse sentido,

Em suas ações, o MAB se articula com outros movimentos populares, sindicatos, pastorais sociais e organismos. Estabelece relações políticas com múltiplos sujeitos sociais coletivos e procura construir uma interlocução permanente com a sociedade (BENINCÁ, 2011, p. 113).

Desta maneira, o fortalecimento das classes marginalizadas / trabalhadoras pelo capital se unem em prol de seus interesses. Para ter ideia da expressão do MAB no Brasil, observa-se que,

Dando corpo a seus pleitos, o Movimento ganha visibilidade e reconhecimento social. Pesquisa feita pelo Ibope, em 2008, revelou que, nas metrópoles, o MAB é conhecido por 31% dos entrevistados, dentre os quais 60% são favoráveis ao Movimento e 66% concordam com seus objetivos. Comentando sobre o resultado da pesquisa, a coordenação do MAB afirma: 'Mesmo que a maioria das pessoas conheça os movimentos sociais pela TV e que, na maioria das vezes, ela nos represente de forma negativa, 69% dos entrevistados afirmam que os movimentos sociais estão ganhando força na sociedade, o que é positivo para nós, na medida em que somos vistos como organizadores de setores excluídos da sociedade' (BENINCÁ, 2011, p. 270-271).

Desta forma, observa-se que a resistência deste movimento social através dos diversos embates com Estado, corporações, entre outros, na busca pela implantação de modelos energéticos sustentáveis, reforma agrária e preservações de ambientes naturais foram na maioria das vezes bem sucedidas.

Com a divulgação dessas problemáticas por meio de comunicações diversas, se pode alcançar um dos objetivos deste movimento que é a interação e entendimento da sociedade civil em relação às principais pautas de luta do movimento. Observa-se que, segundo a fala do autor, a maioria dos entrevistados consideram pertinentes as reivindicações do MAB, visto que ainda se tem um vasto caminho a percorrer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos históricos e atuais vividos pela sociedade brasileira, percebe-se que o fortalecimento dos movimentos sociais ascende uma nova “chama de justiça”, em relação às problemáticas que se fazem presentes nos dias atuais. Sejam elas relacionadas a questões econômicas, políticas, sociais ou ambientais.

Os movimentos sociais, segundo Freire (2013) representa a marcha da justiça na atualidade, pois é a partir destas que os indivíduos marginalizados, excluídos, e muitas vezes expulsos de seus habitats naturais encontram aconchego e força, na luta contra as barbáries do capitalismo selvagem.

Considerando as várias possibilidades ligadas às concepções de natureza que afloraram durante o período histórico da humanidade, percebe-se que as concepções ambientais do movimento social MAB decorrem de ideais da época e, diante do passar dos tempos, várias outras questões são anexadas ao conjunto de reivindicações do mesmo.

Para os movimentos ecologistas e ambientalistas, a visão de natureza que ainda se preza é a visão de natureza natural, ou seja, aquela que vê o ambiente a partir de sua paisagem original, intocada. O MAB, a partir de suas pautas de reivindicação tende a pensar o espaço como alternativo, para a transformação da natureza em meios a sobrevivência dos seres humanos, através de atividades agrícolas, modelos de sustentabilidade alimentar (manejo de solo, uso de agrotóxicos), modelos produtivos, ecológicos (bioenergia, turismo rural, agroindústria), entre outros.

O que nos cabe enfrentar é quanto à incorporação de modelos educacionais ambientais para se alterar as concepções produtivistas degradadoras dos meios ambientes naturais,

quebrando com o poderio empresarial que domina. Como nos elucida o autor, somente através de ações coletivas, onde seus membros estejam munidos de informação, por meio de conhecimentos teóricos e práticos de vida que se alcançará a vitória tão esperada.

O que está em jogo aqui é a manutenção da vida humana no planeta. Não se pode deixar de relacionar o humano com a natureza, pois são elementos de um mesmo ciclo. Mudar a visão de natureza de uma sociedade não é fácil, demanda de conflitos, discussões e tempo.

É interessante salientar que o uso das tecnologias para o campo é de extrema relevância no contexto atual. Para tanto, esta deve ser vista sob a esfera de uma produção agroecológica, que esteja voltada aos interesses sociais, subsidiando alimentação de qualidade, além de práticas de manejo adequadas para cada ambiente natural.

Assim, estas são algumas alternativas para se contornar as grandes dificuldades impostas pelo agronegócio que controla a produção no campo agrário brasileiro. Este seria um exemplo de iniciativa sustentável, mas é importante mencionar que o princípio norteador deste movimento social é a luta contra a impunidade das grandiosas obras de engenharia que formam lagos artificiais a partir da expulsão dos verdadeiros donatários destas propriedades. Estes “donos,” são conhecidos pela maioria da população como apenas camponeses ou, trabalhadores rurais atrasados, considerados fora da lógica político-econômica que atualmente caracteriza a sociedade pós-moderna.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia ciência da sociedade: Uma introdução à Análise do Pensamento Geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

BENINCÁ, Dirceu. Energia & cidadania: a luta dos atingidos por barragens. São Paulo: Cortez, 2011.

CIDADE, Lúcia Cony Faria. Visões de mundo, visões de natureza e a formação de paradigmas geográficos. Revista Terra Livre, São Paulo, n. 17, p. 99-118, 2011.

DULLEY, Richard Domingues. Noção de natureza, ambiente, meio ambiente, recursos ambientais e recursos naturais. São Paulo: Agric. São Paulo, v. 51, n. 2, p. 15-26, 2004.

FREIRE, Paulo. Última Entrevista a Paulo Freire 1º parte. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=U190heSRYfE>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

GERMANI, Guiomar. Expropriados terra e água: o conflito de Itaipu. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2003.

GONÇALVES Carlos Valter Porto-. Ambiente (Meio ambiente). In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org). Dicionário da educação do campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012.

MOTA, Mauricio Jorge Pereira da. O conceito de natureza e a reparação das externalidades ambientais negativas. Disponível em: <www.estig.ipbeja.pt/~ac_direito/MMota2008.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2013.

PEREIRA, Mônica Cox de Brito. Revolução Verde. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org). Dicionário da educação do campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

PETERSEN, Paulo. Agricultura Alternativa. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org). Dicionário da educação do campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

SCHÜLZE, Clélia Maria Nascimento-. Representações sociais da natureza e do meio ambiente. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, Edição Especial Temática, p. 67-81, 2000.

SILVA, Carlos Eduardo Mazzetto. Desenvolvimento Sustentável. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org). Dicionário da educação do campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

VAINER, Carlos. Águas para a vida, não para a morte. Notas para uma história do Movimento dos Atingidos por Barragens no Brasil. Disponível em: <www.observabarragem.ippur.ufrj.br/central_download.php?hash...id>. Acesso em: 18 jun. 2013.

Recebido para publicação em 20/05/2015
Aceito para publicação em 28/06/2015